

Corpo e discurso: a escrita da maternidade em *A filha primitiva*, de Vanessa Passos

*Body and discourse: the writing of maternity in
The primitive daughter by Vanessa Passos*

Tiago Pereira da Silva

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

thiagofgar09@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-2743-0872>

Elizete Albina Ferreira

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

elizetealbinaferreira@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6266-0624>

RESUMO

Este artigo analisa o romance *A filha primitiva*, de Vanessa Passos, a partir da crítica feminista negra, destacando como a obra desestabiliza discursos e narrativas sobre maternidade e ancestralidade. A protagonista, nomeada apenas como “Mãe”, atravessa um percurso de autoconhecimento e resistência às estruturas patriarcais e raciais que historicamente moldam e silenciam as mulheres negras. A maternidade é representada como um espaço de tensão simbólica: lugar de opressão, culpa e negação, mas também de reinvenção subjetiva. A ausência de nomes próprios enfatiza o apagamento identitário e a violência simbólica inscrita nos corpos racializados. A escrita emerge como prática de resistência e de reconfiguração do sujeito, tensionando mitos como o do instinto materno e desromantizando o ideal de mãe. O romance articula corpo, discurso e memória, evidenciando como a linguagem literária pode reconfigurar modos de existência e inscrever novas possibilidades de ser mulher negra e mãe no cenário contemporâneo.

Palavras-chave: maternidade; narrativa; crítica feminista negra; ancestralidade.

ABSTRACT

This article examines *The Primitive Daughter*, by Vanessa Passos, through the lens of Black feminist criticism, highlighting how the novel interrogates and destabilizes dominant discourses and narratives surrounding motherhood and ancestry. The protagonist referred to only as “Mother” embarks on a journey of self-discovery and resistance against the patriarchal and racial structures that have historically shaped and silenced Black women’s experiences. Motherhood is portrayed as a space of symbolic tension: a site of oppression, guilt, and denial, but also of subjective reinvention. The

absence of proper names underscores the erasure of identity and the symbolic violence inscribed upon racialized bodies. Writing emerges as a practice of resistance and reconfiguration of subjectivity, challenging myths such as maternal instinct and deconstructing the ideal of motherhood. The novel articulates body, discourse, and memory, demonstrating how literary language can reshape modes of existence and inscribe new possibilities for Black women and mothers within contemporary society.

Keywords: motherhood; narrative; black feminist criticism; ancestry.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tanto no campo acadêmico quanto nos movimentos feministas, têm ganhado relevo os debates em torno das representações sociais que moldam a experiência da maternidade na contemporaneidade. Essas discussões atravessam diversas esferas discursivas, emergem na literatura, nas mídias digitais, nas redes sociais, na imprensa tradicional, no teatro, no cinema e, de maneira difusa, no cotidiano.

Pode-se afirmar, de forma preliminar, que, no plano do discurso, a maternidade define “espaços de fala” em que algumas expressões são permitidas, enquanto outras são silenciadas ou negadas.

Deste modo, o romance *A filha primitiva*, de Vanessa Passos, apresenta uma narrativa rica e multifacetada que aborda as complexidades da maternidade sob uma ótica que desafia os padrões tradicionais. Publicado pela José Olympio (2022), o romance da autora cearense, ganhou notoriedade nacional ao ser vencedor do Prêmio Kindle de Literatura (2021), do Prêmio Jacarandá (2022), e do Prêmio Mozart Pereira Soares de Literatura (2023).

Narrado em primeira pessoa, a obra se destaca por representar três gerações de mulheres, e os discursos construídos em torno da maternidade, tal como a negação e a culpa materna. Essa perspectiva revela como a maternidade é construída, vivida e contestada dentro de um contexto de opressão racial e de gênero.

O romance gira em torno da vida da jovem narradora, “Mãe”, que não conhece a identidade do pai. Assim como sua mãe, ela dá à luz a uma criança após um breve relacionamento, o parceiro desaparece ao saber da gravidez, o que evidencia o abandono paterno.

A relação entre essa jovem mãe e sua filha, assim como a que ela mantém com sua própria mãe, é marcada por amargura e ressentimento. Ambas são vítimas de abusos e abandonos desde a infância. A mãe/avó, mulher negra, é deixada pelos pais e adotada por uma família branca que a submete ao trabalho doméstico desde cedo, uma prática que ainda é comum no Brasil. A filha, por sua vez, que também é mãe, enfrenta abusos que destroçam sua infância. A raiva permeia a narrativa, movendo a protagonista e criando um clima que envolve o leitor em uma reflexão ambígua de empatia e julgamento.

A autora se debruça sobre a maternidade, e como esta se constrói na figura da filha, da mãe e da avó, não apenas como uma condição biológica, mas uma construção social que reflete as expectativas culturais e sociais impostas às mulheres. Segundo bell hooks (2018), a maternidade é frequentemente vista como uma das principais identidades que definem as mulheres, especialmente as mulheres negras, que enfrentam uma dualidade de opressões. Passos, ao retratar suas personagens, evidencia essa luta interna entre o ser mãe e as pressões externas que moldam as vivências de mulheres negras, sempre à margem do poder, as *outsiders* cujas experiências não importam (Lorde, 2019).

Ao se tornar mãe, a narradora não desenvolve, como se poderia esperar, um amor incondicional e instintivo pela criança. Suas atitudes em relação ao bebê são questionáveis, gerando revolta e tensão no leitor. Além da ausência do pai, a recém-nascida enfrenta a falta de afeto de uma mãe que, embora presente, luta contra desilusões e mágoas profundas. O ódio e a violência simbólica que permeia a narrativa e a dinâmica entre mãe e filha se intensifica ao longo do texto, criando uma experiência intensa e complexa.

Para bell hooks (2018, p. 113), mulheres que são chefes de família na sociedade patriarcal, com frequência, sentem-se culpadas pela ausência de uma figura masculina e também perpetuam atos violentos contra suas filhas, nas palavras da autora “porque todos nós fomos socializados para aderir ao pensamento patriarcal” e este pensamento tem em sua gênese a violência.

Filha de uma empregada doméstica que oculta suas origens e de um pai cuja identidade permanece desconhecida, a narradora inicia uma busca por suas raízes, enquanto tenta estabelecer um lar precário para a filha recém-nascida. Ao longo de sua jornada, torna-se evidente que ter uma história é um privilégio muitas vezes atrelado à classe social e ao gênero. Sem esse privilégio, a protagonista, que se esforçou para

concluir a graduação em Letras, se volta para o que lhe resta: as palavras. Através delas, ela busca preencher as lacunas de sua existência e construir uma identidade que lhe permita, finalmente, ser reconhecida como sujeito e, a partir daí, assumir o papel de mãe, além de oferecer uma reflexão profunda sobre a relevância da ancestralidade e da linguagem na construção de quem somos.

A narradora culpa a mãe pela própria falta de história, mas, num movimento que aproxima *A filha primitiva* de um romance de formação, concilia-se com ela no momento mesmo em que escreve. Segundo Natalia Timerman (2022), a herança daquela família de mulheres sem nome é o desconhecimento da própria história, também é a vontade de estudar e ter uma vida diferente: vontade de superar a própria herança.

Uma das contribuições mais significativas de *A filha primitiva* é a forma como a maternidade se entrelaça com questões de raça. A personagem nomeada como “Avó”, que também é mãe e filha, enfrenta não apenas os desafios da maternidade, mas também a opressão racial que complica ainda mais sua vivência. O racismo estrutural impacta diretamente na forma como essa mulher exerce sua maternidade, limitando suas opções e reforçando estigmas sociais.

Como afirma Patricia Hill Collins (2019), a maternidade negra é frequentemente construída a partir de estereótipos negativos. Nesse sentido, a autora subverte essas narrativas ao apresentar mães que não se encaixam em moldes pré-estabelecidos, mas que lutam por sua autonomia e por um entendimento mais profundo de suas identidades.

Logo, observa-se que para falar sobre maternidade, também é preciso falar em interseccionalidade. Conforme Santos e Aragão (2023), por meio da Epistemologia Feminista Negra, podemos pensar em interseccionalidade a partir da articulação dos marcadores da opressão, que perpassam os corpos racializados das mulheres negras.

Entende-se por interseccionalidade a perspectiva de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), em que as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais de cada indivíduo e categorias de raça, classe e gênero como observa-se no romance de Passos, entre outras, e como ela acontece quando partimos do princípio que não existe uma mulher universal, mas vários grupos de mulheres diferentes, com questões e vivências específicas.

Neste contexto, o objetivo deste estudo é reconhecer na literatura feminista de epistemologia negra as formas de representações, imaginários, subjetividades do que é “ser mãe” em uma sociedade patriarcal, com intuito de oferecer uma reflexão crítica sobre a experiência de mulheres negras e a maternidade, destacando como essas experiências moldam a identidade e o sentimento de culpa e negação da maternidade vivida pela protagonista.

A análise desta obra literária foi conduzida com base nas teorias propostas por pensadoras negras como Collins (2019), Evaristo (2020), Gonzalez (2020), hooks (2018), Kilomba (2019), Lorde (2019), dentre outras. Com fundamentação teórica apoiada em reflexões propostas por Cixous (1976), Scott (1995), Butler (2015) e Xavier (2021).

A maternidade em *A filha primitiva* também é uma questão de representatividade. Teóricas da crítica feminista negra enfatizam a necessidade de dar voz às mulheres que, historicamente, foram silenciadas. Passos, por meio de suas personagens, cria um espaço no qual essas vozes são ouvidas e valorizadas. A obra se torna um campo de resistência, em que a experiência da maternidade é reimaginada.

MATERNIDADE DISSIDENTE

As definições pertencem aos definidores, não aos definidos.
Toni Morrison

No Brasil, as discussões sobre a maternidade passam a tomar conta dos discursos nos espaços sociais ainda no século XIX, com a criação da Lei do Ventre Livre de 1871, que separava as mulheres escravizadas de sua capacidade de reprodução, tanto em termos retóricos quanto físicos, separando seus ventres do restante de seus corpos vivos (Roth, 2020).

A retórica em torno das capacidades reprodutivas das mulheres escravizadas foi racionalizada na medida em que somente mulheres de cor eram escravizadas e, portanto, qualquer legislação relacionada a seus corpos se referia especificamente às mulheres negras (Machado *et al.*, 2021).

Pensando a partir de uma abordagem interseccional entre, raça, gênero e maternidade, as mulheres escravizadas, enquanto trabalhadoras, geraram riquezas para os

escravistas, enquanto ventres, possibilitaram a reprodução da escravidão (Machado; Cardoso, 2024, p. 16). Conforme observado por Conceição Evaristo:

Era a mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras, tudo fazia parte de sua condição de escravizada. E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande” (Evaristo, 2020, p. 30).

Por conseguinte, no Brasil do século XX, é integrada aos discursos nacionalistas a importância da capacidade reprodutiva das mulheres para o futuro do país. O discurso médico passa a incluir todas as mulheres, independentemente da cor da pele ou classe social, em sua ênfase retórica pela melhoria da saúde reprodutiva das mulheres com o objetivo de assegurar o surgimento de uma “raça” brasileira forte e de novos trabalhadores nacionais (Machado *et al.*, 2021, p.111).

A libertação do ventre, entretanto, ao sinalizar os marcos finais da reprodução da escravidão, embaralhava novamente os parâmetros senhoriais, impactando a maternidade de mulheres escravizadas e libertadas. Impunha, igualmente, à classe senhorial, a produção de novas estratégias de controle do trabalho e de subordinação (Machado *et al.*, 2021).

Observa-se, assim, a continuidade da influência da Lei do Ventre Livre, muito depois do fim da escravidão, no século XX, e até os dias atuais, principalmente quando colocamos em pauta as estruturas reais e duradouras da escravidão no Brasil, que continuam a afetar a vida das mulheres negras e, conseqüentemente, os discursos sobre os seus corpos, a maternidade, gênero e raça no Brasil:

Os corpos das mulheres negras, foram instrumentalizados como reprodutores e sob tais condições sofreram e ainda sofrem terríveis constrangimentos e violências. Como mulheres, foram violadas, conceberam e deram à luz em condições de inomináveis controles e trabalho excessivo. Amamentar seus bebês foi sempre tarefa árdua e difícil, pois desde logo, ainda no puerpério, seus trabalhos voltaram a ser requisitados; isso quando não eram enviadas para amamentar crianças brancas como amas de leite. Nesses casos, na maioria das vezes, eram separadas de seus próprios filhos e filhas (Machado *et al.*, 2024, p. 16).

Neste sentido, Butler (2015) entende que “antes de ser, um corpo estar exposto a uma modelagem e a uma forma social, e isso é o que faz da ontologia do corpo uma

ontologia social” (Butler, 2015, p. 16). O corpo, mais especificamente o corpo das mulheres, está exposto a forças articuladoras sociais e políticas, bem como a exigências de sociabilidade, incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo:

As histórias do uso do corpo das mulheres negras pelos filhos dos patrões, como ato iniciático de sexo para os jovens brancos, não são ignoradas. Costume que perdurou longos anos: antes, corpos das mulheres escravizadas, depois, corpos das empregadas domésticas expostos a novos modos de escravização (Evaristo, 2020, p. 29).

Os discursos construídos em torno da maternidade até então são peças indispensáveis para a construção e a sustentação dos papéis de gênero que, segundo Scott (1995), se baseariam nos símbolos culturais de uma sociedade, bem como nas normas que dão explicação a esses símbolos, que estão presentes nos preceitos religiosos, educacionais, políticos, jurídicos e na organização social com suas instituições. A subjetividade de cada pessoa, bem como as reações frente às questões de gênero, também está relacionada com essa construção (Scott, 1995, p. 86-87).

A maternidade deste modo configura-se como uma construção social e discursiva, enraizada simbolicamente e que varia segundo diferentes contextos históricos, e perpassa questões de gênero, raça e classe.

De acordo com Collins (2019), a ideia de uma mulher negra forte foi construída associada à escravidão, elaborada a partir de uma ideia racista e misógina de que mulheres negras aguentavam tudo, seja fisicamente, simbolicamente ou subjetivamente. Não é raro que, em diversos espaços, as mulheres negras sejam retratadas como mulheres fortes, guerreiras, capazes de aguentar o mundo todo nas costas.

Ao mesmo tempo, também está no imaginário a “mãe preta” irresponsável (Gonzalez, 2020). Estamos falando da mãe, mulher negra, daquela família desajustada, na visão de alguns, pois é chefiada por uma mulher. Em grande parte dessas famílias, a mulher sai para trabalhar e, como não há vagas em creches, ela deixa os filhos sozinhos ou com quem puder cuidar.

De acordo com opiniões meio apressadas, a “mãe preta” representaria o tipo acabado da negra acomodada, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu da maneira mais cristã, oferecendo a face ao inimigo. Acho que não dá para aceitar isso como verdadeiro, sobretudo quando se leva em conta que sua realidade foi vivida com muita dor e humilhação. E justamente por isso não se pode deixar de considerar que a “mãe preta” também desenvolveu

as suas formas de resistência: a resistência passiva, cuja dinâmica deve ser encarada com mais profundidade irresponsável (Gonzalez, 2020, p. 180).

Além disso, persiste a construção de discursos que apresentam a maternidade como a vocação natural e legítima das mulheres. Tais narrativas insinuam que aquelas que optam por não ser mães, direcionando suas vidas para a carreira, para a criação artística ou para a atuação política estariam em desacordo com seu suposto destino verdadeiro, condenando-se assim a uma existência emocionalmente insatisfatória. Embora não ataquem ou difamem de modo explícito as mulheres sem filhos, essas representações refletindo a lógica predominante na sociedade reforçam a ideia de que a maternidade seria a experiência mais valiosa e gratificante que uma mulher poderia vivenciar (Hooks, 2019).

Estas narrativas possuem inúmeras funções: podem servir para transmitir informações, persuadir, apresentar uma imagem, estruturar ideias ou identidades. Ou seja, as narrativas sobre a maternidade não têm como função apenas criar cenários de histórias que sejam incoerentes, mas reafirmar como esta é representada e carregada de signos e símbolos na sociedade e na cultura patriarcal que caracteriza as mulheres como sendo seres inferiores.

Apesar da situação de extrema inferiorização, Gonzalez (2020) afirma que as mulheres negras exerceram um importante papel no âmbito da estrutura familiar ao unir a comunidade negra para resistir aos efeitos do capitalismo e aos valores de uma cultura ocidental burguesa. Como mães (real ou simbólica), elas foram grandes geradoras na perpetuação dos valores culturais afro-brasileiros e em sua transmissão entre gerações.

Entretanto, nas narrativas ficcionais, Evaristo (2009) observa que a representação das mulheres negras inclusive enquanto mães permanece atrelada a imagens herdadas do passado escravocrata. Nessa perspectiva, a mulher negra é ainda concebida sobretudo como um corpo destinado a desempenhar funções de força de trabalho, ou como um corpo reprodutor, encarregado de gerar novos corpos para a manutenção desse sistema opressor.

Nos limites, o corpo materno aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual, segundo Butler (2024, p. 30), é uma vontade de apropriação cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado.

Portanto, a maternidade é um conceito repleto de complexidade e contraditórias expectativas culturais, que se refletem de forma distinta em cada indivíduo e em cada contexto social. No entanto, a literatura, e com efeito, a linguagem poética, possibilita a recuperação do corpo materno (Butler, 2024), que nos termos da linguagem literária é capaz de romper, subverter e deslocar os discursos:

Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência. À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. E quando se tem uma representação em que ela aparece como figura materna, está presa ao imaginário (Evaristo, 2009, p. 23-24).

A partir dessas premissas, é possível constatar que a literatura brasileira, desde suas origens até a produção contemporânea, sustenta um discurso persistente que reforça uma diferenciação negativa em relação à mulher negra. Sua representação literária continua fortemente enraizada em imagens herdadas do passado escravocrata, que a reduzem ora a um corpo destinado à procriação, ora a um objeto de prazer para o senhor. É particularmente revelador notar que certos estereótipos de homens e mulheres negros, perpetuados no imaginário literário nacional, remontam ainda à literatura do período colonial, evidenciando a duradoura reprodução de discursos que naturalizam essas construções (Evaristo, 2005, p. 52).

No imaginário brasileiro predominantemente católico, podemos inferir, conforme Evaristo (2005), que a representação da mulher é construída sobre a oposição entre bem e mal, personificada nas figuras de Maria, símbolo de pureza e maternidade redentora, e Eva, arquétipo da culpa e do mal, a maternidade portanto, oferece à mulher um caminho simbólico de salvação. Ao privar a mulher negra dessa possibilidade, a literatura reforça sua permanência no lugar de um mal irredimível.

Deste modo Conceição Evaristo, por meio da sua própria concepção literária, discorre sobre a importância das mulheres negras escreverem, ao mesmo tempo, sobre a possibilidade de colocar-se no texto, no mundo e na história, por meio da literatura. Ao refletir sobre sua própria condição de escritora: “(...) quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’, e por ser esse o meu corpo, e não outro vivi e vivo experiências que um corpo

não negro, não mulher, jamais experimenta” (Evaristo, 2009, p. 18), Evaristo reitera que sua ficção não apenas reivindica a autoria de uma mulher, mas também expressa uma vivência encarnada em um “corpo-mulher-negra”, cuja alteridade é inextricável de sua experiência e de sua produção narrativa.

Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (Evaristo, 2005, p. 54).

Partindo desse pressuposto, em *A Filha Primitiva*, de Vanessa Passos, a escritora apresenta uma visão radical e profundamente subjetiva da maternidade, explorando suas diferentes facetas, como a negação da maternidade, a culpa materna, e a busca por identidade através do corpo discursivo.

A maternidade, na obra de Passos, se manifesta inicialmente como um ato físico, mas também simbólico, ligado à ideia de um corpo discursivo. Um corpo que se recusa a ser reduzido a um mero recipiente de gestação, mas que carrega consigo as experiências de dor, desejo, negação e autoquestionamento. A protagonista “Mãe” vivencia um intenso conflito interno com a maternidade, que se revela nas palavras de Passos:

Não tinha mais cordão umbilical, a menina não mamava mais. Era a raiva agora que passava pra ela, de mãe pra filha. Não foi o parto, não; não foi a contração, não; não foi dar o peito, não; foi a raiva que me tornou mãe (Passos, 2022, p. 64).

Esse trecho é fundamental para compreender a tensão entre o desejo de cumprir um papel materno e a incapacidade da personagem de se reconhecer como mãe, já que sua identidade é negada, não apenas pela sociedade, mas também por ela mesma.

O corpo discursivo, conceito que se reflete na escritura e nas narrativas pessoais, é expresso também pela própria escrita da protagonista, que, ao escrever, se reinventa e busca formas de dar voz àquilo que o corpo em si não consegue comunicar. Ela reflete: “Agora me dei conta: a chegada da menina me engravidou de novas palavras. Fico pensando que escrever é um parto infinito” (Passos, 2022, p. 33).

A escrita se torna o lugar no qual a identidade materna, complexa e multifacetada, pode ser resignificada, ultrapassando as limitações do corpo físico e dos papéis preestabelecidos: “Tinha o fone no ouvido e os cadernos na mão. A menina brincava na

cama sem travesseiros de proteção. Eu não estava preocupada se ela ia cair, se ferir ou até perder a própria vida” (Passos, 2022, p. 34-35). E continua:

Pensei no nascimento das palavras, observei minha caligrafia que mudava à medida que escrevia, as palavras serelepes saltando na folha, brincando igual a menina, que agora me olhava com cumplicidade (Passos, 2022, p. 35).

Quando pensamos na materialidade da narrativa de Passos, a partir do fenômeno de Escrivivência, passamos a pensar esse corpo materno como um conjunto de sentidos, como um corpo que se simboliza, ao mesmo tempo que é negado, está presente e ausente.

Podemos pensar a Escrivivência, conforme Evaristo (2020), como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. “A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora” (Evaristo, 2020, p. 29-30).

Assim, na narrativa de Passos, a linguagem está inseparável da constituição dos sujeitos, está intrínseca no corpo e no próprio ser. A escrita é a possibilidade de percepção/viabilização do próprio ser. É constituída na própria vivência da autora:

Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (Evaristo, 2020, p. 30).

Alienada com a ideia de que mantém o domínio sobre o seu corpo e a sua dignidade social, a personagem mãe não nutre a falsa sensação de que, em si mesma, encontra um valor pleno e absoluto.

A maternidade na obra de Passos também se entrelaça com a culpa, um sentimento frequentemente associado à experiência materna, especialmente em contextos sociais de vulnerabilidade. A culpa aparece de forma explícita na seguinte fala da personagem “Avó”: “Só pode ser maldição. Outra que vai crescer sem o pai. É tudo culpa minha, e desatou a chorar” (Passos, 2022, p. 15).

Esse sentimento de culpa é uma constante no discurso das personagens “Mãe” e “Avó”, que parecem carregar a responsabilidade de não ser a mãe idealizada, uma figura que, como muitas mães negras, deve se adaptar à lógica de uma maternidade idealizada pela sociedade, frequentemente em desacordo com sua realidade. A culpa materna é uma construção social que recai sobre as mulheres, especialmente as mulheres negras, que se veem cobradas a cumprir papéis que muitas vezes não têm condições ou vontade de exercer: “Você é minha redenção, minha filha” (Passos, 2022, p. 39).

A escrita da maternidade em *A Filha Primitiva* também reflete um questionamento profundo da religião e dos valores impostos, especialmente em um contexto de opressão. A autora provoca, criticando a ideia de fé e amor genuíno, ao afirmar: “O que realmente duvido é do amor do pai e do filho. Não acredito nesse sentimento genuíno de um ser cem por cento Deus e cem por cento homem que morreu por nós” (Passos, 2022, p. 36). Ao questionar a divindade masculina, a protagonista sugere a desconstrução de valores que são impostos às mulheres, especialmente as mulheres negras, que, muitas vezes, se veem representadas de forma distorcida e subordinada, tanto no campo religioso quanto social.

A maternidade, nesse sentido, pode ser vista como um processo de desconstrução e reconstrução das mulheres e das mães, não como uma figura sacralizada, mas como um ser complexo, com desejos, frustrações e dilemas próprios. A maternidade aqui não é uma glorificação, mas uma luta constante pela autenticidade das mulheres.

Comecei a ter vontade de escrever nas vezes em que me pegava observando a menina. Acho que passei a aceitá-la por conta daquilo, daquele desejo que chegava mais forte. Foi a primeira vez que pensei nela me dando algo, e não tirando tudo de mim (Passos, 2022, p. 34).

O processo de escrita se torna o espaço em que a mãe se reconstrói, e suas palavras podem surgir como um ato de resistência e expressão.

A escrita é, deste modo, precisamente a própria possibilidade de mudança, o espaço que pode servir de trampolim para pensamento subversivo, o movimento precursor de uma transformação de estruturas sociais e culturais (Cixous, 1976, p. 875).

Passos oferece, por meio da sua escrita, uma nova possibilidade de compreender a maternidade, através de um discurso que subverte os ideais de maternidade e os enquadramentos em que a maternidade de mulheres negras é colocada. Na narrativa, as personagens, Mãe, Filha e Avó, são construídas de modo ficcional tão intenso que, na

interação entre elas, suas existências se entrelaçam e se confundem com a própria experiência vivida, essa vida que, segundo Evaristo (2020), todos nós habitamos, seja em nosso lugar singular, seja em comunhão ou em fusão com o outro ou com o coletivo ao qual pertencemos.

No romance de Passos, o discurso nunca possui uma só dimensão. Um lapso na fala nos lembra imediatamente que vários discursos podem usar o mesmo porta-voz ao mesmo tempo.

Ao discutir a culpa, a negação e a reinvenção da maternidade, Passos nos oferece uma reflexão poderosa sobre a maternidade como uma construção social e subjetiva. É necessário pensar em um novo conceito de maternidade, que considere não apenas o papel biológico, mas também a experiência emocional, cultural e social das mulheres, especialmente das mulheres negras.

A FORÇA DA NARRATIVA: O PARTO ININTERRUPTO DAS PALAVRAS

Acontece muito raramente que o amor, a amizade, a camaradagem, superem a solidão da morte; apesar das aparências, mesmo quando lhe segurava a mão, eu não estava com mamãe: eu lhe mentia. Porque ela fora sempre mistificada, essa mistificação suprema era-me odiosa. Tornava-me cúmplice do destino que a violentava.
Simone de Beauvoir

A escrita das mulheres tem sido, ao longo da história, um espaço de contestação, resistência e reinterpretação das normas sociais que buscam silenciar suas vozes e limitar suas existências. Em *A Filha Primitiva*, Vanessa Passos utiliza a escrita como uma ferramenta de autodefinição e reconstrução de uma identidade que não se submete às convenções da sociedade patriarcal.

A narrativa da protagonista, nomeada de “Mãe”, é marcada pela ambiguidade da maternidade e da identidade feminina, e propõe uma reflexão profunda sobre a alteridade e a subversão das expectativas sociais impostas às mulheres, especialmente às mulheres negras.

A maternidade, no romance narrado em primeira pessoa, é apresentada como um campo de tensões e contradições, onde o corpo da protagonista que também é escritora se

torna o centro de um processo de autoconhecimento e resistência. Ela escreve para se descobrir, para dar voz àquilo que ainda não tem forma, como evidenciado no trecho:

Pouca coisa sobra da gente depois da maternidade. Vou me descobrindo enquanto escrevo, quando puxo de dentro uma palavra depois da outra, sem sentido lógico as palavras continuam vindo (Passos, 2022, p. 27).

Neste contexto, a maternidade emerge como o fio condutor da narrativa. A ausência de nomes próprios para as personagens, a Avó, a Mãe e a Filha, é um recurso estilístico significativo, que reforça a ideia de que elas representam figuras universais, símbolos de uma linhagem de mulheres cujas identidades pessoais se diluem em um ciclo de gerações. A falta de nomes próprios, longe de ser uma omissão, enfatiza o apagamento da identidade individual das mulheres negras em meio às expectativas e pressões do papel feminino tradicional, tornando-se uma metáfora para o esquecimento da ancestralidade e da história pessoal da narradora.

Minha mãe é uma daquelas personagens que a gente odeia e, ainda assim, não consegue deixar de acompanhar. À primeira vista, uma pessoa simples, negra, analfabeta, trabalhava em casa de família, sem muitos anseios e pretensões (Passos, 2022, p. 26).

A negação dessa ancestralidade e, conseqüentemente, a perda de uma parte essencial da identidade da narradora, é um tema central na obra. O conhecimento das gerações passadas é vital para a construção da própria identidade e, ao ser negado, a narradora sente-se desconectada de um direito fundamental: o direito de se reconhecer em sua história. Essa ausência de conexão com a ancestralidade é marcada por diálogos difíceis e relatos dolorosos, que expõem a raiva e a dor da narradora, numa tentativa de lidar com o que foi negado a ela.

Eu não sou boa com nomes, nunca fui. Todos os personagens das minhas histórias não têm nomes, porque não consigo escolher. E eles seguem sem nome, podendo ser, qualquer um, o leitor ou até eu mesma. É só estar no mundo, porque a realidade, às vezes, é muito mais absurda que a ficção (Passos, 2022, p. 48).

Assim em constante conflito com a figura da mãe, que também é “avó”, a protagonista perpetua violências contra a “filha” recém-nascida, em busca de respostas sobre a identidade do pai, um homem branco:

Encurralada, entre a parede e a porta do banheiro, vendo a menina no meu colo, chorando, enguiando, sufocando. Correu em minha direção, deslizou e caiu no chão. Com dor, vendo minhas mãos prestes a tampar o nariz e a boca da menina. A pressão dos meus braços aumentava o coro, o desespero. Então, finalmente o nome. Ela disse (Passos, 2022, p. 43).

A violência é constante por toda a narrativa em uma teia que perpassa de avó, para filha, e de filha para neta, uma violência que, ao longo dos séculos, foi praticada contra as mulheres negras, e o abandono paterno, presente na narrativa, marca um vazio, da própria protagonista, que, embora seja filha de uma mulher negra, apresenta um tom de pele descrito como branco: “As pessoas estranhavam que eu era branca e ela, negra. Tinha que explicar que eu era filha dela mesmo, não era adotiva” (Passos, 2022, p. 47).

hooks (2018) enfatiza que a violência patriarcal também é perpetrada por mulheres contra crianças, crianças são violentadas, não somente quando são o alvo direto de violência patriarcal, mas também quando são forçadas a testemunhar atos violentos. Para a autora “em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar violência como meio aceitável de controle social” (Hooks, 2018, p. 100).

A menina está gelada, meu Deus, podia ter morrido, o que eu ia fazer? Virado anjo, não quero nem pensar. Não é você quem diz que criança quando morre vai logo pro céu sem pecado, e nem é julgada? Eu ia fazer um favor pra ela (Passos, 2022, p. 53).

No decorrer da narrativa, descobrimos que origem da protagonista veio de um estupro, o que sistematiza a violência contínua de homens branco contra mulheres negras nos tempos coloniais e na contemporaneidade: “Você não tem nada dele, minha filha. Nada. Só a pele branca e a raiva” (Passos, 2022, p. 60).

Para Audre Lorde (2019, p. 161), todas as mulheres têm um arsenal de raiva bem abastecido, o que pode ser útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. A protagonista, vítima de violência desde criança, usa essa raiva com precisão e a torna uma poderosa fonte de energia para a escrita que dá voz a várias mulheres negras diariamente silenciadas.

Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará (Lorde, 2019, p. 53-54).

Segundo Elódia Xavier (2021), o corpo feminino na literatura é frequentemente tratado como um espaço de submissão às normas e expectativas sociais, mas também como um terreno de resistência e transformação. As personagens, ao não terem seus nomes próprios, refletem essa ausência de autonomia sobre seus corpos e suas identidades, sendo moldadas por uma sociedade que restringe suas possibilidades de se afirmarem plenamente.

“Um personagem só ganha vida, só se materializa com o nome. Por isso nunca chamei a menina pelo nome. Talvez ela não vingue” (Passos, 2022, p. 45).

Conquanto a escrita de Passos (2022) se revele por meio de fragmentos e reflexões que se completam, ressoa na crítica de Hélène Cixous (1976), que defende a escrita feminina como uma forma de expressar a multiplicidade do ser feminino, rompendo com as estruturas limitadoras do discurso patriarcal. Cixous (1976) defende que a mulher, ao escrever, pode ultrapassar as barreiras impostas pela sociedade e criar uma nova forma de existência, mais autêntica e livre.

Ao questionar a própria identidade materna, a personagem reflete as tensões entre o desejo pessoal e as expectativas sociais que envolvem o papel de mãe:

Já era tempo de parar de mamar, mas a menina continuava agarrada ao peito. No fundo eu gostava, porque era o único momento em que eu me sentia mãe de verdade. A menina sugando de dentro de mim a mãe que eu não era (Passos, 2022, p. 11).

A narradora desconstrói o mito do amor materno e promove a desromantização da maternidade. Amplia-se então o discurso sobre a maternidade de mulheres negras, que por séculos são violentadas e silenciadas. A produção literária de Passos é marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição das mulheres negras no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras, não é um mero discurso carregado de lamentos, mágoa e impotência:

Quando fui embora e me viram com o cabelo raspado, sorriram de um jeito debochado, depois disseram que agora mais do que nunca eu parecia uma escrava. *Gente preta não presta nem pra ser empregada; ou vira bandido ou vira prostituta!* Fui embora com as únicas coisas que eram minhas: você, no bucho, e a roupa do corpo, o vestido branco que teu pai me deu (Passos, 2022, p. 70).

Entretanto, existe, no interior da narrativa, vozes que vão se afirmando, aos poucos, como um discurso diferenciado que compõem as personagens e seus enredos. Discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil. Constitui-se como uma escrita que não só encena o “direito de significar” como também questiona o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo (Evaristo, 2009, p. 24).

Tem dias que vou escrever e só sai uma frase miserável, uma palavra que, tenho certeza, vou abandonar no dia seguinte. Mas é a maldita, ou melhor, a bendita palavra que puxa o fio do novelo da história. O nome pode dizer muito de quem é a pessoa, pelo menos na literatura. Mas na vida real a escolha do nome diz muito mais sobre quem o coloca (Passos, 2022, p. 48).

Observa-se que a protagonista reivindica a sua voz por meio da escrita e, ao ministrar aulas sobre o romance *Madame Bovary*, de Flaubert, denuncia as condições sociais em que as mulheres outrora eram submetidas:

Na maioria das vezes, estou mais fúnebre e falo da Emma Bovary, minha personagem preferida. Falo de como ter uma criança pode ser a desgraça de toda mulher, olhando no olho de cada menina na sala, como um aviso. Reforço que a Emma ficava presa, não podia nem ler porque era considerado perigoso. Perigoso?, eles perguntam. Perigoso, porque as mulheres começam a ter ideias, a questionar e desejar outra vida que não é a que eles oferecem, a que eles propõem (Passos, 2022, p. 49).

E continua:

Tem vezes que perco o controle e misturo ficção e realidade, porque elas são assustadoramente parecidas. A Emma quis jogar a filha na parede pra morrer. Nossa, que cruel, professora! Quem faria isso com uma criança inocente? a menina que sentava na primeira fileira perguntou. Qualquer pessoa, qualquer mãe. Você ainda não sabe nem entende o peso que é viver, menina (Passos, 2022, p. 49-50).

A protagonista busca reinventar sua identidade e se distanciar dos papéis tradicionais impostos pela sociedade. A maternidade, para ela, é um espaço de contínua reinvenção, onde ela se pergunta constantemente sobre o que significa ser mãe:

Não sei se quero que ela pare de mamar. Dar o peito é o único carinho que sei. O que vou fazer quando ela parar de mamar? Sem o peito, sem o leite, ainda vou ser mãe da menina? (Passos, 2022, p. 13).

É preciso considerar que o corpo materno, segundo Butler (2024), designa uma relação de continuidade, bem como um conjunto de significados que antecede a cultura patriarcal, no entanto conforme hooks (2018), dentro de culturas de dominação patriarcal capitalista de supremacia branca, mães negras e solos não têm direitos, e quase sempre estão economicamente à margem e melancólicas.

Como observado na narrativa a seguir:

Às três da manhã, eu não aguentava mais o choro da menina(...) já alimentava a certeza de que era melhor dar a menina do que um dia desses fazer uma besteira. Qualquer outra família seria melhor para ela, melhor para nós duas (Passos, 2022, p. 31).

E continua,

A moleira, não pode chacoalhar assim, podia ter morrido.
Podia?
Podia.
Fui dormir. Descansar um pouco pra trabalhar cedo no dia seguinte.
Podia ter sacolejado mais um pouco (Passos, 2022, p. 31).

Na narrativa, o tempo se inscreve como cicatriz e escrita no corpo que gesta. Desde os primeiros movimentos, o corpo da mãe se expõe ao cerco de olhares e discursos que o vigiam e narram. Cada transformação desdobra-se em nova camada de percepção, alterando não apenas o modo como a mãe se vê, mas também como é lida e julgada por aqueles que a cercam. O corpo da mãe pulsa entre o íntimo e o público, entre o desejo e a vigilância:

No corredor, ouvi os gritos das que pariam. A irmã da vizinha tinha me dito pra não esquecer que enfermeira não gosta de grávida escandalosa. Ouviu? Perguntou enquanto apertava a minha mão. Fiz que sim com a cabeça. De bico calado. Não precisei ficar no matadouro, na sala cheia de macas e mulheres berrando uma ao lado da outra antes do abate. Sofri sozinha lá em cima, um calor medonho. Tinha bola gigante, aparelho de exercício, equipamento de parto humanizado. Eu não me sentia humana (Passos, 2022, p. 21-22).

Voltamos a tratar dos discursos construídos sobre a maternidade, o primeiro consiste em imaginar que a maternidade basta, em quase todos os casos, para satisfazer a

vida das mulheres: não é verdade. É preciso que as mulheres se encontrem numa situação psicológica, moral e material que lhe permita vivenciar a maternidade. Ser mãe é sem dúvida um empreendimento a que se pode validamente destinar, se assim sonha, mas tal como outras não representa uma justificação em si para a felicidade das mulheres.

A protagonista se vê constantemente desafiada pela alteridade, tanto da filha, que representa o novo e o desconhecido, quanto da mãe, que simboliza a continuidade de um ciclo de gerações marcado por opressões. Em sua busca por uma identidade própria, a personagem busca se distanciar da imposição dessas identidades herdadas, como no momento em que ela deseja “ficar o mais distante das duas, da minha mãe e da menina, ir pra um lugar onde ninguém me conhecesse e eu pudesse ser aquilo que eu inventasse” (Passos, 2022, p. 11).

A alteridade surge como um conceito essencial para entendermos a narrativa de Passos. Para Grada Kilomba (2019), os sujeitos negros constantemente nas narrativas brancas e nos espaços sociais tornam-se aquilo que os sujeitos brancos não querem serem relacionados, assim foi-se criando o chamado “Outro”, sempre como antagonista do eu. “O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra violenta, a bandida, a indolente e maliciosa. Tais aspectos desonrosos, são projetados para o exterior como um meio de escapar dos mesmos” (Kilomba, 2019, p. 34-37).

A alteridade é um conceito imprescindível para o pensamento humano, ao retomar a ideia da hostilidade primordial da consciência, que se caracteriza pela tentativa da consciência de exercer controle sobre outras consciências para afirmar sua própria existência.

O “Outro” é assimilado como linguagem no romance, à medida em que a protagonista tenta preencher o vazio sentido e articula ações que são socialmente compreensíveis, e ao mesmo tempo não aceitáveis.

Para Grada Kilomba (2019), a mulher negra é o outro do outro, pois é o outro do homem e o outro do branco, a antítese da masculinidade e da branquitude, estando hierarquicamente na posição mais vulnerável na supremacia patriarcal e colonial.

Pode-se perceber isto, como durante toda a sua vida a personagem “Avó” foi criada para ser o outro do outro, mulher negra, empregada doméstica, explorada pelos pais adotivos, estuprada pelo namorado, mãe solo, sempre à margem socialmente:

Solta a menina, você está machucando ela. Por favor, não faz nada com ela, nem com você. Vocês duas são tudo o que tenho. Se você quer mesmo saber, eu conto. Eu nunca contei nada do teu vô e da tua vô porque eu fui jogada numa lata de lixo. Meus pais adotivos eram brancos e me pegaram pra ser a empregada da casa. Nunca me deixaram estudar (Passos, 2022, p. 69).

Neste sentido, Collins e Bilge (2020, p. 46) afirmam que na sociedade brasileira as mulheres de ascendência africana sabem, por experiência pessoal, que fazem parte de um grupo que compartilham certas experiências coletivas. São desproporcionalmente representadas no trabalho doméstico. Sua imagem foi aviltada na cultura popular. São alvo desproporcional de violência misógina. São mães, em sua maioria que não possuem recursos para criar seus filhos como gostariam, mas possuem laços com o valor atribuído à maternidade na diáspora africana.

Nessa perspectiva, a narrativa de Vanessa Passos constitui um terreno fértil para reflexões interseccionais, ao romper com a ideia de uma “mulher universal” e com noções simplificadas de opressão comum. Como apontam Collins e Bilge (2020), a interseccionalidade permite compreender como relações de poder interagem em contextos específicos e produzem efeitos complexos sobre as vidas das pessoas. Nesse sentido, as protagonistas da obra são atravessadas por múltiplas formas de opressão e violência que se entrelaçam em função de seu gênero, raça e classe social. Ocupando posições subalternizadas nas estruturas sociais, seus corpos são objetificados e explorados desde a infância, convertidos em espaços de controle, silenciamento e resistência.

Por conseguinte, na narrativa, pode-se perceber que:

O domínio interpessoal do poder refere-se ao modo como os indivíduos vivenciam a convergência de poder estrutural, cultural e disciplinar. Esse poder molda identidades interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, nação e idade que, por sua vez, organizam as interações sociais. A interseccionalidade reconhece que a percepção de pertencimento a um grupo pode tornar as pessoas vulneráveis a diversas formas de preconceito, mas, como somos simultaneamente membros de muitos grupos, nossas identidades complexas podem moldar as maneiras específicas como vivenciamos esse preconceito (Collins; Bilge, 2020, p. 30-31).

A negação da maternidade na narrativa pode ser vista pelo(a) leitor(a) como uma loucura terrível, mas que não pode e não deve ser desprezada na narrativa: “A menina chutou de novo, uma pontada fina no pé da barriga. Soquei a barriga de volta. Os chutes

pararam. Os pontapés. Tudo calmo. A menina, quietinha, queria sobreviver” (Passos, 2022, p. 20).

Podemos pensar no ato de negar, elementos da realidade objetiva, como expressão psíquica da negação da culpa que constitui o sujeito e, conseqüentemente, da negação da própria protagonista como sujeito.

hooks (2018, p. 110), de forma irônica, afirma que várias pessoas pressupõem que qualquer lar é automaticamente matriarcal quando a mulher é chefe de família. Na realidade, mulheres chefes de família na sociedade patriarcal, com frequência, sentem-se culpadas pela ausência de uma figura masculina e ficam hiperatentas à comunicação de valores sexistas para as crianças.

Na narrativa, a personagem “avó” tenta a todo momento buscar uma substituição da figura paterna, tanto para a filha, nomeada de “mãe”, quanto para a neta, nomeada de “filha”.

“Só pode ser maldição. Outra que vai crescer sem o pai. É tudo culpa minha, e desatou a chorar” (Passos, 2022, p. 15). E continua... “Que o Pai do céu fosse nosso pai, avô e marido...” (Passos, 2022, p. 16).

Passos escreve a maternidade em uma narrativa colérica, a identidade e o corpo da protagonista se entrelaçam, cuja dor de escrever se funde ao ato de parir, o que resulta em momentos de incerteza e desconforto:

Nem todo mundo que escreve sabe sobre parir, o que é ser mãe de palavras. Não sabe o que é lambe a cria. Não sabe a culpa que carrega uma mãe. A dor que é escrever. Não se deu conta que é preciso parir pra escrever (Passos, 2022, p. 33).

Passos, ao escrever, se afasta da linguagem tradicional e se reconecta com os aspectos mais profundos da *psique* humana, que não estão aprisionados pelas convenções linguísticas patriarcais.

A escrita de Passos não é um texto literário inocente, conforme defendido por Evaristo (2020), quando mulheres negras escrevem levam para a escrita toda a sua subjetividade, a subjetividade da escritora negra. E essa subjetividade contamina tanto o assunto que escolhem para escrever, as personagens criadas, o enredo, como o próprio uso da linguagem:

Fico pensando que escrever é um parto infinito. A gente vai parindo devagarzinho, letra por letra, que se não saem ficam encruadas dentro fazendo mal, ferindo a gente feito felpa que entra no dedo. Tem que tirar com agulha, espremer o pus. Dói parir palavras. Dói mais ainda viver com elas dentro (Passos, 2022, p. 33).

Para uma mulher negra, escrever sobre maternidade é um enorme desafio, afinal, no exato instante em que uma mãe está escrevendo, ela não está cuidando de seus filhos. É uma escrita culpada.

Em consequência, no romance, a protagonista vivencia a sua própria transformação em sujeito/mãe, à medida que vai se distanciando (e ao encontro) de sua mãe e da filha para se reinventar, o que se reflete nas mudanças que ela vivencia enquanto escreve e reflete sobre sua própria maternidade e identidade. Ao afirmar que “agora me dei conta: a chegada da menina me engravidou de novas palavras” (Passos, 2022, p. 33), a protagonista reconhece que sua experiência materna a modificou profundamente, trazendo à tona novas formas de se expressar e se compreender.

Assim, podemos a partir da narrativa de Passos “pensar a Escrivivência em sua autonomia e em sua relação com os modelos de escrita do eu, autoficção, escrita memorialística... a Escrivivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado” (Evaristo, 2020, p. 38).

Ao adotar uma narrativa construída a partir da vivência de mulheres negras, a autora busca imprimir a essa realidade, no âmbito psicológico, os seus próprios questionamentos e vivências pessoais acerca da maternidade, a qual utiliza para tentar desvelar o enigma e afirmar a verossimilhança da personagem retratada. Em outras palavras, a autora busca elaborar uma narrativa que se alinha diretamente com a vivência real de várias mulheres negras, e mulheres que ainda estão se tornando negras, como é o caso da protagonista que embora tenha um tom da pele retratado como branco, possui uma ancestralidade negra, retratada na figura da mãe, uma interpretação que ela desenvolve através de sua visão aguçada e da onisciência própria de uma criadora, exercida com total liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *A Filha Primitiva*, de Vanessa Passos, apresenta uma narrativa profundamente reflexiva e desafiadora sobre as identidades femininas, a maternidade e a opressão impostas pela sociedade patriarcal às mulheres negras.

Por meio de uma escrita fragmentada e aberta, Passos cria um espaço onde as palavras se entrelaçam para revelar as complexidades da experiência de ser mulher negra, especialmente dentro de um contexto de violência histórica e familiar. A protagonista, ao buscar entender e reconstituir sua identidade, nos convida a refletir sobre o impacto das gerações passadas e o peso da ancestralidade na formação do sujeito.

A escolha de Passos de não nomear suas personagens reflete o apagamento das identidades individuais das mulheres negras, enquanto coloca em evidência a construção de um corpo coletivo, que vive em um ciclo de opressões contínuas. A relação de violência que atravessa gerações, marcada pela ausência da figura paterna e pela imposição de um destino de subordinação e sofrimento, é um tema central da obra, que dialoga com os conceitos de alteridade e interseccionalidade, fundamental na reflexão sobre a experiência das mulheres negras.

A maternidade, um dos pilares da narrativa, é desconstruída como um mito romântico, expondo a complexidade dos sentimentos de amor, culpa e frustração que as mulheres enfrentam ao assumir esse papel. Passos desafia as normas sociais e culturais que impõem a maternidade como um destino glorioso, revelando suas contradições e dificuldades. A protagonista, em sua busca por uma identidade autêntica e pela reinvenção de si mesma, expressa a raiva e a resistência contra as opressões que estruturam sua vida, uma raiva que se torna combustível para a escrita e para o processo de autodescoberta.

A escrita de Passos nos oferece as palavras como ferramentas de ressignificação, um espaço de libertação que permite à protagonista criar sentidos para sua vida e para a vida das mulheres que carrega dentro de si.

A Filha Primitiva não oferece respostas definitivas, mas propõe uma jornada de descobertas e questionamentos, na qual a(o) leitora(o) é convidada(o) a acompanhar a transformação da protagonista enquanto ela enfrenta as tensões entre o desejo pessoal e as expectativas sociais. Ao narrar uma experiência de maternidade e identidade marcadas por contradições e angústias, Passos oferece uma obra rica, profunda e subversiva, que desafia a forma convencional de se pensar a literatura e a condição feminina. Por meio de

sua escrita, ela reivindica o direito das mulheres negras de escreverem suas próprias histórias, de se reinventarem e de se afirmarem em um mundo que insiste em negá-las.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 27. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CIXOUS, Hélène. O riso da Medusa. *Journal of women in culture and society*, Chicago, v. 1, n. 4, p. 875-893, 1976.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1. ed. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, n. 1, p. 52-57, 2005.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. “A escrevivência e seus subtextos”. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós*. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução de Rainer Patriota. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MACHADO, Maria Helena P. T. *et al.* *Ventres livres?: gênero, maternidade e legislação*. São Paulo: UNESP, 2021.

MACHADO, Maria Helena, P. T. *et al.* *Geminiana e seus filhos: escravidão, maternidade e morte no Brasil do século XIX*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

PASSOS, Vanessa. *A filha primitiva*. São Paulo: José Olympio, 2022.

ROTH, Cassia. *A miscarriage of justice: women's reproductive lives and the law in early twentieth-century Brazil*. Stanford: Stanford University Press, 2020.

SANTOS, Rosa Maria Dias da Costa; ARAGÃO, Patrícia Cristina de. A epistemologia feminista negra: uma abordagem interseccional dos marcadores da opressão em contraposição ao feminismo hegemônico. *Revista de estudos interdisciplinares*, v. 5, n. 4, p. 416-428, 2023.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

TIMERMAN, Natalia. “As filhas primitivas”. Posfácio. In: PASSOS, Vanessa. *A filha primitiva*. São Paulo: José Olympio, 2022.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

Recebido em: 28/02/2025

Aceito em: 01/07/2025

Tiago Pereira da Silva: mestrando em Letras-Literatura e Crítica Literária, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás; Pós-Graduação Certificate em Criatividade & Inovações Ecossistêmicas, ESPM - SP; Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Elizete Albina Ferreira: doutora em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Goiás - UFG, Docente e Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu: Mestrado e Doutorado em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (área de concentração: Literatura e Crítica Literária).